

As maneiras de ver: como os cegos produzem imagens?

XII INIC / VIII EPG - UNIVAP 2008

RIBEIRO, Celeste M.M.¹

¹UNIVAP – Universidade do Vale do Paraíba/ FCSAC – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação, Av. Shishima Hifumi, 2911 – Bloco 02, celestem@univap.br

Resumo- O artigo traz uma discussão sobre as maneiras de ver, a partir da análise do documentário Janelas da Alma, dos diretores Walter Carvalho e João Jardim e a história do fotógrafo Evgen Bavcar. Para tanto foi realizado a pesquisa exploratória, a bibliográfica e documental. A questão principal é como os cegos fazem a representação das imagens.

Palavras-chave: Cegos, imagens e representação

Área do Conhecimento: VI- CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Introdução

A pesquisa se insere no campo pouco explorado da comunicação, muitas questões ainda são feitas quando procuramos compreender os processos de comunicação de pessoas que possuem alguma deficiência dos cinco sentidos que nos norteiam por isso os estudos sobre o pensamento sensorial são pouco explorados.

“Sabemos que não existiria observação possível sem a existência de nossos órgãos sensoriais (a visão sem dúvida, mas também a audição, o olfato, o paladar, o tato, o gestual, etc). (...) Mas o que sabemos realmente desses canais fundadores da comunicação humana? Como cada um deles funciona? Como esses canais se inter-relacionam? Quais seriam as lógicas de funcionamento de cada desses órgãos sensoriais, embutidas num único cérebro? Ainda mais: quais seriam as relações existentes entre as funções e performances cognitivas (perceber, decidir, inferir, estimar, corrigir, memorizar).” (SAMAIN, 2001, p.9)

O deficiente visual ou cego não possui um sentido mais tem em si a compreensão do mundo, a seu modo faz a representação visual das “coisas” que o cercam. De acordo com Anne-Marie Christi, primeiro vem à imagem depois a palavra. Como uma pessoa que não vê, faz essa relação? Como é a representação para ela de um objeto ou de coisas abstratas? Ela o faz através de outro sentido?

“De acordo com um homem deficiente visual altamente educado, uma pessoa deficiente visual falha em ver a luz, não da mesma maneira que uma pessoa de olhos vendados falha em ver. Uma pessoa

deficiente visual vê através de sua mão, ela não sente diretamente que é privada da visão.

Para uma pessoa deficiente visual a habilidade em ver a luz tem um significado prático e pragmático não um significado instintivo ou orgânico, uma pessoa deficiente visual apenas indiretamente, de um modo refletido e somente em circunstâncias sociais, sente seu defeito. Seria um erro ingênuo da parte de uma pessoa vidente assumir que nós encontraremos na mente de um homem deficiente visual a deficiência visual ou sua sombra psicológica, sua projeção, ou reflexão. Nesta mente há o impulso para vencer a deficiência visual e o desejo de conquistar uma posição social”. (VYGOTSKY, 1994, p. 6-7).

VYGOTSKY (1994) acredita que os cegos têm a sua maneira de ‘ver’, ou fazer a representação em sua mente não é em si uma sombra. Seria feita a representação através da percepção e da imaginação? Existe enfim uma imagem mental?

“A imagem mental tem a sua origem antes do desenvolvimento das operações do mesmo modo que a percepção e a imitação e, por assim dizer, ela está, na ordem genética, ligada ao primeiro aspecto das funções cognitivas, os aspectos figurativos do pensamento, presentes desde o nascimento.”(p.37-38)

PIAGET (1977) diz que,

“O estudo das imagens mentais teve por objetivo principal verificar as relações

existentes entre a representação imagética e o funcionamento do pensamento, o que equivale a dizer que as pesquisas sobre as imagens, dentro desse marco teórico, estiveram todo o tempo atreladas ao estudo do desenvolvimento, incidindo sobre os aspectos figurativos e operativos das funções cognitivas, nos domínios visuais e tátil-cinestésicos.” (PIAGET & INHELDER, 1977:5).

É possível conhecer os processos pelos quais os cegos interpretam e representam o meio que os cercam.

De acordo com Bateson

“a maneira através da qual, desta vez, adquirimos “conhecimentos ou informações” origina-se, ‘da observação e da experimentação’ (ou da experiência). O ser humano somente pode adquirir conhecimentos através dos seus órgãos sensoriais ou através de seus próprios experimentos. De tal modo que não se pode falar de uma epistemologia que não seja, por necessidade, vinculada e atrelada a um constante e prévio trabalho de observação”. (SAMAIN, 2001,p.7)

Metodologia

Para este artigo utilizamos a pesquisa exploratória sobre o tema imagem, produção e representação, como as pessoas cegas fazem a representação de imagens. Além da pesquisa de bibliográfica e documental, sobre o mesmo tema a fim de compreender como se dá o processo de produção e de representação de imagens. Utilizamos como objeto de pesquisa o filme Janela da Alma e a história de Evgen Bavcar.

Ficha técnica do filme:

Duração: 73 min.

Distribuidora(s): Europa Filmes

Diretor(es): Walter Carvalho, João Jardim

Roteirista(s): Walter Carvalho, João Jardim

Elenco: Evgen Bavcar, Arnaldo Godoy, Hermeto Paschoal, Oliver Sacks, José Saramago, Marieta Severo, Wim Wenders, Antonio Cícero, Paulo Cesar Lopes, Agnès Varda, Hanna Schygulla, Carmella Gross, João Ubaldo, Walter Lima Jr., Manoel de Barros

Tabela 1 – Ficha técnica

O vídeo documentário trata a questão do olhar, ou podemos dizer as maneiras de ver, é composto por depoimentos de 15 personalidades que possuem algum problema na visão. Entre elas está o fotógrafo Evgen Bavcar que é cego. Como uma pessoa cega pode produzir imagens? Isso é de fato, uma questão intrigante.

“A correspondência entre som e imagem não é decodificável apenas pela visão, mas submete o espectador à experiência de ver por outros sentidos, a vivenciar a sinestesia mais próxima do míope, do cego, do ler em *braille*: tatear objetos e articular respostas.(RIBAS, 2003, p.71)

“Ele [Evgen Bacar] fotografa o interior, imagens mentais. Graças à palavra, temos imagem.”(Hanna Schygulla) (RIBAS, 2003,p.73)

Ronaldo Entler em O Fotográfico (2005) traz um exemplo, de um cego fotógrafo.

“Um esloveno Evgen Bacvcar (1946), perdeu a visão do olho direito aos onze anos e depois foi perdendo do outro olho até ficar cego, registrou de acordo com suas palavras “um longo adeus á luz” que lhe fornecerá o repertório de lembranças do mundo visível com o qual trabalhará. Começando a fotografar aos dezenove anos, possui hoje uma obra de grande originalidade.”

Bavcar nos obriga a repensar o controle como aquilo que se submete á visão na tomada da foto. Seu trabalho decorre de um contato indireto entre imagens e seu imaginário , operado por meio de sentidos e das palavras de algumas pessoas que confia. Orienta-se pelo toque, pela temperatura, pelos sons, pela descrição da cena feita por alguns amigos e por suas lembranças de infância(tema constante em seu trabalho): paradoxalmente, uma superação dos acasos, mas também uma aceitação, como síntese de certas experiências viáveis em imagem – a experiência visual de que não dispõe e que descobre a partir de então.”(ENTLER, 2005,p.285)

Resultados

“Diante de uma imagem, como fazemos para “fazê-la vomitar”, para tirar o sentido dela?” (DARBON, 2005, p.100) Dando continuidade a pergunta e ao trabalho de pesquisa, como um cego tiraria sentido da imagem.

No vídeo Evgen Bavcar diz:

“As pessoas não sabem mais ver...vive-se uma cegueira generalizada. Não vejo imagens, faço imagens. Fotografo a mortalidade das mulheres. Não se deve usar a língua dos outros, o olhar dos outros, senão existimos através dos outros. Enxergo com um terceiro olho. [mostra um espelhinho embaixo do casaco]”.

“Talvez por uma questão de sobrevivência da espécie nós aprendemos a montar imagens a partir de descrições simbólicas.”¹

Diria que uma imagem não nos fala do mundo – falar do mundo só a linguagem articulada pode fazê-lo. “ (...) No nível do emissor, a imagem, longe de nos dar uma visão unívoca do que seria a realidade, no entanto, pode propor múltiplas dimensões dessa realidade.”(id, p.100)

L' Ecologie des images, Gombrich diz que “a significação de uma imagem permanece grandemente tributária da experiência e do saber que a pessoa que a contempla adquiriu anteriormente. Nesse sentido a imagem visual não é uma simples representação da realidade e sim um sistema simbólico. Cada indivíduo, em função de sua cultura e de sua história pessoal, incorporou modos de representação e potencialidades de leitura da imagem que lhes são próprias.(id, p.101)

Discussão

O filme vai além da edição de depoimentos.

“Nos deparamos com os mais diversos depoimentos sobre o olhar e suas limitações físicas, tornando-nos sujeitos interativos do processo de questionamento da relação direta entre o olhar e o objeto, entre o subjetivo e o real. Podemos escolher a forma de como olhar para o real, ou quando não temos esta escolha a própria limitação irá criar outras formas de construir o real².”

As diferentes maneiras de ver e como a vivência, a cultura pode mudar as maneiras de construir imagens, e a representação da realidade tem um outro valor.

Evgen Bavcar é um fotógrafo cego que produz imagens que estão em sua memória, e se traduz num trabalho expressivo, diz que tem um terceiro olho, utiliza os outros sentidos para fotografar.

Repensar sobre as imagens que nos cerca como a ‘deficiência’ seja ela uma pequena miopia ou a cegueira total não nos impede de enxergar a realidade que nos cerca, criamos nossas imagens a partir da interação ou do meio da intenção que temos ao produzir ou reproduzir as imagens, o que

¹ Sem autor. **Representação de conhecimento dos seres humanos**. Disponível em:

<<http://www.ic.unicamp.br/~heloisa/MO642/reprehum/reprehum.PPT>>. Acesso em:<22/05/2008>.

² MENINI, Cibele. Comentário do filme Janelas da Alma. Site UOL.. Disponível em:

<<http://www.uol.com.br/>>. Acesso: 20/05/2008.

realmente importa é que temos a visão que queremos ter.

Conclusão

Existem várias maneiras de ver o mundo ou de produzir imagens, elas estão dentro de nós, independentes dos nossos sentidos, da maneira que vemos ou da maneira que há representamos, a produção de imagens pode ser feita por qualquer um, a representação da realidade pode ser feita com máquinas ou sem elas, mas a representação está em nossa mente.

“A emoção compõe com o olho da razão um acorde peculiar, de timbre inaudível. É possível ser cego e sonhar com imagens. Fotografar, enxergar, compor. Amar. Filmar.”

Referências Bibliográficas

ARNHEIM, Rudolf. **El pensamiento visual**. Tradução de Rubén Masera. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1998. [or. Inglês, 1969].

AMÉRICO, Solange Maria. **Memória auditiva e desempenho em escrita de deficientes visuais**. Dissertação de mestrado defendida em 2002. Instituto de Educação. Unicamp Orientadora: Profª. Drª. Selma de Cássia Martinelli.

BARTHES, Roland, 1984 [Or. Fr. 1980] – **A Câmara Clara**. Nota sobre fotografia., Rio de Janeiro (Editora Nova Fronteira), 2ª ed.

BATESON, Gregory, **Mind and Nature. A Necessary Unity**, Toronto - Nova Iorque, Bantam Books, 1980 [1979]. Versão portuguesa: *Mente e Natureza. A Unidade Necessária*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986 (esgotado). Versão francesa: **La nature et la pensée**, Paris: Le Seuil, 1984.

BISPO, Neusa Lopes. **Imagem mental, Memória e Dificuldades de Aprendizagem na Escrita**. Dissertação de Mestrado Defendida na Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. 2000.

CHIOZZI, Paolo. **Manuale di antropologia visuale**. Milano, Edizioni Unicopli, 1997, pp. 9-46.

CHRISTIN, Anne-Marie. 1995 – **L’Image écrite ou la Déraison Graphique**. Paris: Flammarion, Col. Idées et Recherches”.

DARBON, Sébastien. 2005 – “**O etnólogo e suas imagens**”, in **O Fotográfico** (org. Etienne Samain), São Paulo, 2a ed., Hucitec/Senac, pp. 101-112.

DUBOIS, Philippe. 1998 - La ligne générale (des machines à images) in Cinéma et Dernières technologies (sob a dir. de Frank Beau, Philippe Dubois, Gérard Leblanc), Paris, INA/De Boeck & Larcier, pp. 19 - 39. Versão portuguesa in Dubois, Philippe. **"Máquinas de Imagens: uma questão de linha geral**, in ID. **Cinema, Vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac-Naify, 2004, p.31-67.

GONÇALVES, Rita de Cássia e LISBOA, Teresa Kleba. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida**. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 83-92
2007. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0910spe.pdf>>
. Acesso em: 22/05/2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970 [Or.Francês.:1962]
O Pensamento Selvagem. São Paulo:
Companhia Editora Nacional e Editora da USP.
Leitura do capítulo 1: "A Ciência do Concreto".

MACHADO, Murilo José D'Almeida. **O Êxtase: entre a Imagem e a Palavra. Estabelecimento de um Modelo Descritivo Percepcional**. 1998.
175 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) -
Universidade Estadual de Campinas, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
Orientador: Etienne Ghislain Samain.

MASINI, Elcie F. Salzano. **A Educação do portador de deficiência Visual — as perspectivas do vidente e do não vidente**. Em Aberto, Brasília, ano 13, n.60, out./dez. 1993.

SAMAIN, Etienne. **Gregory Bateson: Rumo a uma epistemologia da comunicação**. Ciberlegenda. Número 5.2001. Disponível em:
<http://www.uff/mestcii/samain1.htm>.
SITE PRÓVISÃO. Disponível em:
<<http://www.hospitalprovisao.org.br/default.asp>>.
Acesso em: 20/05/2008.

RIBAS, Maria Cristina. **Depoimentos à meia luz: a Janela da Alma ou um breve tratado sobre a miopia**. ALCEU - v.3 - n.6 - p. 65 a 78 - jan./jul. 2003.